PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AREOSA

Pedras Vivas

BOLETIM PAROQUIAL · VERSÃO ONLINE

Pedras Vivas Online 239
Ano 13
21–04–2019
28–04–2019
Quinzenal

EDITORIAL

Entre Gente Remota Edificaram

As celebrações do 40.º aniversário da nossa paróquia têm constituído motivo do maior regozijo para todos quantos ao longo do tempo encontraram através dela a melhor forma de seguir o exemplo de Jesus, dedicando ao outro o melhor da sua vida.

O vibrante pulsar desta comunidade, que se pode justamente avaliar desde a primeira hora, é tanto mais notável quanto se deu numa espécie de contraciclo, não só a nível nacional como internacional, em particular na Europa e nos EUA.

Avaliar as razões pelas quais a nossa modesta igreja, remetida para uma periferia colocada bem próximo do limiar da marginalidade, soube resistir ao lento retrocesso da cultura cristã que afectou geografias aparentemente bem mais promissoras poderia constituir, acreditamos, um trabalho bastante interessante ao nível das instituições da igreja. Sem dúvida, sobressairá acima de tudo o peculiar carisma do seu fundador, o Pe. José Maia, cujas bodas de ouro sacerdotais acabámos de festejar, e que, em lugar de sobranceiro paternalismo ou vãos protagonismos, sempre preferiu abrir horizontes a todos quantos lhe mostram vontade de "arregaçar as mangas". Contudo, não será menor o mérito de toda a equipa sacerdotal claretiana que sempre o apoiou e a nós neste tão peculiar percurso.

Talvez este ínfimo apontamento nos possa servir de indício para que, como comunidade, possamos desenvolver um espírito que projecte de forma mais vasta a acção geradora daqueles que, à imagem da Maria que nos serve de padroeira, nos ajudaram a ensaiar os primeiros passos.

É esse o *espírito missionário* de que tanto nos tem falado o Papa Francisco. Um espírito que, para lá da *instituição*, procura essencialmente *tocar os corações*. Um espírito que, em lugar de *dirigir*, prefere *orientar*, e em lugar de *exigir* se *oferece* numa oblação ao Senhor. A nossa paróquia é uma porta aberta, e nunca nela ouvi um "não" a quem chega em demanda do Amor infinito de Deus.

Este Portugal, esta Europa, que foram outrora o berço missionário de Jesus no Mundo, não passam hoje de uma nova paragem de "gente remota" à luz de Deus, vegetando no medo e ansiando por uma mão que a volte a erguer.

O trabalho que desenvolveram bem longe os nossos antepassados, deveremos nós ensaiar agora nas nossas ruas, nas nossas casas, quem sabe até, nos nossos próprios corações. Os nossos próximos estão cansados de doutrinas, de retórica e de promessas de amanhãs que cantam.

É só o Amor que faz falta — aquele Amor de Jesus, que tudo dá sem perguntar porquê. Saibamos responder como Ele aos sinais dos tempos.

PM

TEXTOS LITÚRGICOS

PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR · ANO C · 21-04-2019

Actos dos Apóstolos 10,34a.37-43 — Salmo 117,1-2.16ab-17.22-23 — Colossenses 3,1-4 ou *I Coríntios 5,6b-8 — S. João 20,1-9*

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO
(JO 20,1-9)

«Ele tinha de ressuscitar dos mortos»

No primeiro dia da semana,
Maria Madalena foi de manhãzinha,
ainda escuro, ao sepulcro
e viu a pedra retirada do sepulcro.
Correu então e foi ter com Simão Pedro
e com o discípulo predilecto de Jesus
e disse-lhes:
«Levaram o Senhor do sepulcro
e não sabemos onde O puseram».
Pedro partiu com o outro discípulo
e foram ambos ao sepulcro.
Corriam os dois juntos,
mas o outro discípulo antecipou-se,
correndo mais depressa do que Pedro,
e chegou primeiro ao sepulcro.
Debruçando-se, viu as ligaduras no chão,
mas não entrou.
Entretanto, chegou também Simão Pedro,
que o seguira.
Entrou no sepulcro
e viu as ligaduras no chão
e o sudário que tinha estado sobre a cabeça
de Jesus,
não com as ligaduras, mas enrolado à parte.
Entrou também o outro discípulo
que chegara primeiro ao sepulcro:
viu e acreditou.
Na verdade, ainda não tinham entendido
a Escritura,
segundo a qual Jesus devia ressuscitar
dos mortos.

Palavra da salvação

El Greco, *A Santíssima Trindade*, 1579

Comentário

A Ressurreição do Senhor era o grande sinal, grande expetativa. Já era o terceiro dia , já os insensatos e lentos de coração se cansam de esperar. A Páscoa cristã é a Festa. Todos fomos convidados para o banquete. Páscoa é a festa da divina economia. Páscoa é a festa do amor crucificado, que dá a vida por amor. Páscoa é a festa da alegria. O Cristo ressuscitado é o Cristo da fé. A Ressurreição é mistério de paz e alegria. "A Paz esteja convosco". A Ressurreição é mistério de amor. Tudo acontece a correr naquele dia de Páscoa. Correm as mulheres e os discípulos a levar aos outros a Boa Nova, corre o Cristo ressuscitado, amando e consolando. É o amor que nos ressuscita e liberta. A grande pressa é amar. Páscoa é a alegre notícia do amor partilhado. "Vai dizer a meus irmãos". Somos a Páscoa do mundo, a expetativa dos homens. Aleluia!

FALA O PAPA FRANCISCO

HOMILIA

Sábado Santo, Solene Vigília Pascal
Basílica Vaticana
26 de Março de 2016

«O Senhor nos livre desta terrível armadilha: sermos cristãos sem esperança, que vivem como se o Senhor não tivesse ressuscitado e o centro da vida fossem os nossos problemas»

«Pedro (…) correu ao sepulcro» *(Lc 24,12)*. Quais poderiam ser os pensamentos que agitavam a mente e o coração de Pedro durante esta corrida? O Evangelho diz-nos que os Onze, incluindo Pedro, não acreditaram no testemunho das mulheres, no seu anúncio pascal. Antes, aquelas «palavras pareceram-lhes um desvario» *(v. 11)*. Por isso, no coração de Pedro, reinava a dúvida, acompanhada por muitos pensamentos negativos: a tristeza pela morte do Mestre amado e a decepção por tê-Lo renegado três vezes durante a Paixão.

Mas há um detalhe que assinala a sua transformação: depois que ouvira as mulheres sem ter acreditado nelas, Pedro «pôs-se a caminho» *(v. 12)*. Não ficou sentado a pensar, não ficou fechado em casa como os outros. Não se deixou enredar pela atmosfera pesada daqueles dias, nem aliciar pelas suas dúvidas; não se deixou absorver pelos remorsos, o medo e as maledicências sem fim que não levam a nada. Procurou Jesus; não a si mesmo. Preferiu a via do encontro e da confiança e, assim como era, pôs-se a caminho e correu ao sepulcro, donde voltou depois «admirado» *(v. 12)*. Isto foi o início da «ressurreição» de Pedro, a ressurreição do seu coração. Sem ceder à tristeza nem à escuridão, deu espaço à voz da esperança: deixou que a luz de Deus entrasse no seu coração, sem a sufocar.

As próprias mulheres, que saíram de manhã cedo para fazer uma obra de misericórdia, ou seja, levar os perfumes ao sepulcro, viveram a mesma experiência. Estavam «amedrontadas e voltaram o rosto para o chão», mas sobressaltaram-se ao ouvir estas palavras do anjo: «Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo?» *(cf. v. 5)*.

Também nós, como Pedro e as mulheres, não podemos encontrar a vida, permanecendo tristes e sem esperança e permanecendo aprisionados em nós mesmos. Mas abramos ao Senhor os nossos sepulcros selados — cada um de nós os conhece —, para que Jesus entre e dê vida; levemos-Lhe as pedras dos ressentimentos e os penedos do passado, as rochas pesadas das fraquezas e das quedas. Ele deseja vir e tomar-nos pela mão, para nos tirar para fora da angústia. Mas a primeira pedra a fazer rolar para o lado nesta noite é esta: a falta de esperança, que nos fecha em nós mesmos. O Senhor nos livre desta terrível armadilha: sermos cristãos sem esperança, que vivem como se o Senhor não tivesse ressuscitado e o centro da vida fossem os nossos problemas.

Vemos e continuaremos a ver problemas perto e dentro de nós. Sempre existirão, mas esta noite é preciso iluminar tais problemas com a luz do Ressuscitado, de certo modo «evangelizá-los». Evangelizar os problemas. Não permitamos que a escuridão e os medos atraiam o olhar da alma e se apoderem do coração, mas escutemos a palavra do Anjo: o Senhor «não está aqui; ressuscitou!» (v. 6); Ele é a nossa maior alegria, está sempre ao nosso lado e nunca nos decepcionará.

Este é o fundamento da esperança, que não é mero optimismo, nem uma atitude psicológica ou um bom convite a ter coragem. A esperança cristã é um dom que Deus nos concede, se sairmos de nós mesmos e nos abrirmos a Ele Esta esperança não decepciona porque o Espírito Santo foi infundido nos nossos corações *(cf. Rm 5,5)*. O Consolador não faz com que tudo apareça bonito, não elimina o mal com a varinha mágica, mas infunde a verdadeira força da vida, que não é a ausência de problemas, mas a certeza de sermos sempre amados e perdoados por Cristo, que por nós venceu o pecado, venceu a morte, venceu o medo. Hoje é a festa da nossa esperança, a celebração desta certeza: nada e ninguém poderá jamais separar-nos do seu amor *(cf. Rm 8,39)*.

O Senhor está vivo e quer ser procurado entre os vivos. Depois de O ter encontrado, cada um é enviado por Ele para levar o anúncio da Páscoa, para *suscitar e ressuscitar a esperança* nos corações pesados de tristeza, em quem sente dificuldade para encontrar a luz da vida. Há tanta necessidade disto hoje. Esquecendo de nós mesmos, como *servos jubilosos da esperança*, somos chamados a anunciar o Ressuscitado com a vida e através do amor; caso contrário, seremos uma estrutura internacional com um grande número de adeptos e boas regras, mas incapaz de dar a esperança de que o mundo está sedento.

Como podemos alimentar a nossa esperança? A Liturgia desta noite dá-nos um bom conselho. Ensina-nos a *recordar as obras de Deus*. Com efeito, as leituras narraram-nos a sua fidelidade, a história de seu amor por nós. A Palavra viva de Deus é capaz de nos envolver nesta história de amor, alimentando a esperança e reavivando a alegria. Isto mesmo nos lembra também o Evangelho que escutamos. Os anjos, para dar esperança às mulheres, dizem: «Lembrai-vos de como [Jesus] vos falou» *(v. 6)*. Fazer memória das palavras de Jesus, fazer memória de tudo aquilo que Ele fez na nossa vida. Não esqueçamos a sua Palavra e as suas obras, senão perderemos a esperança e tornar-nos-emos cristãos sem esperança; por isso façamos memória do Senhor, da sua bondade e das suas palavras de vida que nos tocaram; recordemo-las e façamo-las nossas, para sermos sentinelas da manhã que sabem vislumbrar os sinais do Ressuscitado.

Amados irmãos e irmãs, Cristo ressuscitou! E nós temos a possibilidade de abrir-nos e receber o seu dom de esperança. Abramo-nos à esperança e ponhamo-nos a caminho; a memória das suas obras e das suas palavras seja a luz resplandecente, que orienta os nossos passos na confiança, rumo àquela Páscoa que não terá fim. □

40 ANOS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AREOSA

— O caminho faz-se caminhando —

Paróquia de Nossa Senhora da Areosa celebra Bodas de Ouro do seu fundador

Foi no passado domingo 7 de abril de 2019 que a Paróquia de Nossa Senhora da Areosa celebrou em festa as Bodas de Ouro Sacerdotais do seu fundador, o Pe. José Martins Maia, missionário dos Filhos do Imaculado Coração de Maria, também denominados Claretianos. A sua ordenação sacerdotal ocorreu em Roma a 6 de abril 1969 e foi nomeado pároco desta comunidade por D. António Ferreira Gomes a 4 de março de 1979.

Tendo optado por seguir o Mestre e transformar a sua vida um permanente serviço aos outros, colocou-se desde o primeiro momento ao lado dos pobres, dos doentes e dos marginalizados, tornando-se uma "voz dos sem voz". Admirado, respeitado e amado por todos quantos com ele se foram cruzando, tem merecido uma presença regular nos jornais, na rádio e na televisão. Dotado de abundantes carismas e talentos, foi construtor e animador de uma comunidade modelo onde deixou bem marcada a sua presença e a qual jamais abandonou, embora dela deixasse de ser pároco em virtude de outros cargos que teve de desempenhar.

As celebrações tiveram início na Eucaristia das 10 horas, a Missa da Catequese, que habitualmente celebra, onde pôde testemunhar a notável manifestação de entusiasmo e alegria por parte das crianças, dos catequistas e do coro da Escola de Santa Cecília desta paróquia.

Às celebrações vividas da parte da manhã, em que as crianças e os jovens ocuparam um lugar especial e mostraram o quanto gostam do seu padre Maia, que os acompanha todos os domingos sempre com o coração em festa e uma alegria a que se unem seus numerosos talentos, seguiu-se a Eucaristia das 12 horas, outro momento alto deste dia festivo. Esta foi concelebrada pelo nosso atual pároco, o Pe. José Diz, o Pe. Victor Pinto, superior do Colégio dos Carvalhos, o cónego Baptista, pároco de Santo António das Antas e ainda pelo Pe. Abel Maia, irmão do homenageado. Mais uma vez, a comunidade fez questão de mostrar a sua presença e união, revelando assim a estima e afeição que dedicam ao seu fundador. Como é natural, estiveram também presentes o diácono da comunidade, Manuel Botelho, e o grupo de acólitos, ficando a animação musical a cargo de um grupo de jovens.

Tivemos ainda a honra de poder contar entre nós os presidentes das Juntas de Freguesia de Paranhos e de Campanhã, Alberto Machado e Ernesto Silva, sempre presentes em todas as horas.

Contudo, a maior surpresa para o homenageado foi a de encontrar na assembleia a sua família de sangue, que é muito numerosa e na qual sempre reinou o bom entendimento e a alegria, e em que todas as celebrações são sempre motivo do maior júbilo. Desde o mais idoso até à criança mais nova, todos eles responderam à chamada, e a cada um teve o Pe. Maia oportunidade de abraçar no momento da paz, que adquiriu assim uma intensidade particularmente tocante.

Estiveram igualmente presentes vários membros do grupo coral de Seixezelo, que mantiveram uma forte ligação ao jubilado desde os seus primeiros anos de sacerdócio, em que foi professor no Colégio e Escola Secundária dos Carvalhos. Durante esses anos inesquecíveis que dedicou ao ensino e à música nesse grupo coral e no de Santa Maria de Lamas, o Pe. Maia chegou a editar alguns discos.

No decorrer da cerimónia, o Pe. Diz, condiscípulo e amigo do homenageado, irradiando felicidade, apontou como exemplo para todos a pessoa especial que é o Pe. Maia e a sua dedicação à comunidade, lendo depois a mensagem enviada pelo provincial dos Claretianos, o Pe. Carlos Candeias, da qual saliento a seguinte passagem: "Quero agradecer a Deus a sua entrega a tantas causas que não é possível enumerar e saúdo também a comunidade que teve a sorte de o ter por companheiro no seu caminho".

A festa culminou depois no Centro Social da Paróquia da Areosa, já com a presença do cónego Fernando Milheiro, vigário do Porto Nascente, onde, com muita qualidade, carinho e requinte, iria ser servido um apetitoso almoço a todos os que se inscreveram para compartilhar em família paroquial este inesquecível acontecimento.

Depois de ser ter juntado aos grupos corais durante as eucaristias anteriores, o Pe Maia teve mais uma vez a oportunidade de cantar no Centro Social com os jovens que lhe fizeram a surpresa de estar aí presentes. Como homem da música, foi homenagem pelo grupo de Seixezelo com a oferta da miniatura de uma antiga grafonola.

Uma vez concluído o almoço, que foi preparado e servido com particular esmero e simpatia num ambiente acolhedor em que se destacavam os belos arranjos que enfeitavam as mesas, chegou a altura da entrega de lembranças e testemunhos.

O Pe. Maia começou por agradecer a todo o pessoal do Centro Social da paróquia o empenho em tornar esta festa inesquecível, deixando-lhes uma promessa: "Não tenham medo, pois estamos atentos ao vosso trabalho!". Estendeu depois a sua saudação a todos aqueles que, de uma ou outra forma, trabalharam para que este dia ficasse como mais um marco nesta comunidade. Entre as palavras que proferiu, saliento uma afirmação que me tocou particularmente: "Foi no Bairro S. João de Deus que fiz o meu mestrado".

O Pe. Abel, irmão e afilhado do homenageado, relatou a história dos três sacerdotes que responderam ao chamado do bispo para escolher o futuro Pároco da Areosa. Quando se preparavam para um complicado interrogatório sobre direito canónico, sai o bispo com a história do burrinho tão exausto por puxar a pesada carga da carroça que já não tinha forças para chegar ao mercado,

embora este se encontrasse já à vista. Que deveria fazer o dono em tal situação? Perante tal questão, cada um dos padres respondeu à sua maneira. Para dois deles, só a pontapé o animal poderia ser conduzido até ao destino... O terceiro disse que tentaria aligeirar o sofrimento do burrinho tomando sobre si uma parte da carga e o ajudaria a puxar até que chegassem os dois ao fim da jornada. Como não podia deixar de ser, foi este o escolhido... O nosso Pe. Maia, homem de pontes e afetos aproveitou para sublinhar a importância das suas três famílias: a de sangue, a do colégio dos Carvalhos, à qual pertence com o Pe. Diz, e à sua família da paróquia, proferindo belas palavras: "Olhando para vós, gosto de mim! Basta que o padre não estorve, que está tudo bem. O Pe. Diz foi o responsável por esta festa, para ele a minha gratidão, bem como pela forma como vivemos em equipa".

Seguidamente, o cónego Milheiros, da paróquia de Campanhã, fez questão de afirmar que o facto de termos ficado com uma parte significativa do território da sua paróquia era para si uma alegria, pois podia assim ver como ela tinha crescido — e o mesmo poderia ter dito o cónego Baptista, pároco de Santo António das Antas, se lhe tivesse sido necessário falar, pois a sua presença significava mais que muitas palavras.

Muitas outras pessoas da paróquia e fora dela deram também o seu testemunho, mostrando a sua admiração pela obra que desenvolveu o nosso fundador. Os mais ligados à paróquia exprimiram a maior gratidão pela semente que este sacerdote foi deitando à terra e se transformou nos frutos que hoje todos nós colhemos. De entre todos, destacamos a professora que trabalhou no Bairro de São João de Deus e veio de propósito de Carrazeda para nos relatar como foi bom trabalhar com o Pe. Maia. Fazia parte da Associação de Professores "Educar é Promover". Este homem que respondeu sim ao convite do Mestre é um humanista que não se arrepende de o ser, embora tivesse sido criticado por isso — e ainda bem que o foi e continua a ser, pois por isso tanta gente pode ser beneficiada!

E como o futuro começa hoje, o nosso fundador concluiu apresentando aos presentes um novo desafio: o de percorrer todos os cafés e todas as ruas da nossa paróquia para, juntamente com o Presidente da Junta de Paranhos, se fazerem ao largo em prol dos cerca de 800 idosos que vivem em solidão entre nós. Muito mais haveria para dizer acerca da obra do nosso fundador, assim como sobre este belo dia que ficará para sempre gravado nos nossos corações, mas em nome da paróquia onde ele gosta de vir "carregar baterias" e onde tanta, tanta gente se cruzou com ele nas estradas e nas periferias da vida, eu prefiro concluir simplesmente: "Muito obrigada Padre Maia!"

MMA

fotografias de José Cabeda

NOTÍCIAS

Vaticano: Papa quer que a Páscoa seja uma festa do perdão

Francisco falou sobre importância do próximo ciclo de celebrações, em encontro com peregrinos

Cidade do Vaticano, 17 abr 2019 (Ecclesia) – O Papa Francisco disse hoje no Vaticano que a próxima Páscoa deve ser uma festa do perdão com Deus e com os próximos, projetando as celebrações principais do calendário católico.

"Podemos pedir uma destas graças: viver os nossos dias para a glória de Deus, isto é, viver com amor; sabermos confiar-nos ao Pai nas provações, chamá-lo 'papá', e descobrir no encontro com o Pai o perdão e a coragem de perdoar", declarou, perante milhares de pessoas reunidas na Praça de São Pedro para a audiência pública semanal.

Na véspera do início do Tríduo Pascal, o ciclo celebrativo que assinala os momentos centrais da fé católica, ligados à morte e ressurreição de Jesus Cristo, Francisco deixou outro desafio aos peregrinos e visitantes: "Peçamos ao Pai para tirar os véus dos nossos olhos e para que, nestes dias, olhando para o Crucifixo, possamos compreender que Deus é amor."

> *"Quantas vezes o imaginamos como patrão e não como Pai, como um juiz severo em vez de Salvador misericordioso! Mas Deus na Páscoa elimina as distâncias, mostrando-se na humildade de um amor que pede o nosso amor".*

O Papa assinalou que as celebrações da Semana Santa apontam para um novo conceito de "glória", que é a "do amor, porque é a única que dá vida ao mundo", e não a glória mundana, "feita de aclamação e audiências".

Francisco destacou ainda a importância da oração para superar momentos de dor e solidão, criando "relação, entrega".

No final do encontro, o pontífice deixou uma saudação aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente os fiéis da paróquia de Cristo-Rei, no Porto: "Deixai-vos iluminar e transformar pela força da Ressurreição de Cristo, para que as vossas existências se tornem um testemunho da vida que é mais forte do que o pecado e a morte. Um Santo Tríduo Pascal para todos!"

Ainda no final da audiência geral desta semana, o Papa cumprimentou Greta Thunberg, jovem ativista pelo clima.

OC

Semana das Vocações
5 a 12 de maio de 2019

A Semana de Oração pelas Vocações
é um desafio para todos nós

Paróquia do Porto – A Semana de Oração pelas Vocações, assinalada já desde há 56 anos e celebrada pela Igreja do mundo inteiro, constitui um desafio para que todos, particularmente os cristãos, possam refletir sobre a incontornável dimensão vocacional da vida de cada ser humano, rezando pelas vocações no seio da Igreja (matrimónio, sacerdócio, vida consagrada e vida laical).

Tendo lugar em pleno tempo da Páscoa, quando trazemos no coração e nos lábios, de modo particularmente mais intenso, o anúncio festivo da Ressurreição de Jesus, esta Semana, realizada entre os III e IV domingos deste tempo e culminando naquele que é conhecido como o domingo do Bom Pastor, Dia Mundial de Oração pelas Vocações, o que este ano corresponde ao intervalo de dias entre 5 e 12 de maio, recorda-nos que as vocações na Igreja têm uma marca profundamente pascal, porque todas nos interpelam para o serviço aos outros, para o amor sem medida, para a entrega da vida, para o risco de procurarmos a alegria inédita e indiscritível que se ergue e se descobre na manhã perfumada e luminosa da Ressurreição.

Na verdade, a vocação joga-se, precisamente, neste binómio da ousadia e da alegria, da renúncia e da esperança, do risco e da promessa de que nos fala o Papa Francisco na Mensagem que publicou para esta semana, subordinada ao tema "A coragem de arriscar pela promessa de Deus", que surge como o primeiro dos documentos que integram este conjunto de propostas. Inspirando-se no texto relativo à vocação dos primeiros discípulos, o Santo Padre recorda-nos que todos nós, batizados, somos chamados pelo Senhor Jesus à Missão de "pescadores de homens". O Papa desafia-nos a não ficarmos parados na praia, com as redes na mão… No fundo, que cada um se sinta interpelado a contemplar os horizontes mais belos da missão da evangelização, para que diante do chamamento de Jesus que vem ao nosso encontro nas praias da nossa vida, tenhamos a coragem de arriscar com Ele e por Ele, aventurando-nos por novas rotas, rumo a um "sonho maior"!

TEXTOS LITÚRGICOS

II DOMINGO DA PÁSCOA · ANO C · 28-04-2019

Actos dos Apóstolos 5,12-16 — Salmo 117,2-4.22-27a — Apocalipse 1,9-11a.12-13.17-19 — S. João 20,19-31

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO
(JO 20,19-31)

Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana,
estando fechadas as portas da casa
onde os discípulos se encontravam,
com medo dos judeus,
veio Jesus, apresentou-Se no meio deles
e disse-lhes:
«A paz esteja convosco.»
Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado.
Os discípulos ficaram cheios de alegria
ao verem o Senhor.
Jesus disse-lhes de novo:
«A paz esteja convosco.
Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos
envio a vós.»
Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes:
«Recebei o Espírito Santo:
àqueles a quem perdoardes os pecados
ser-lhes-ão perdoados;
e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão
retidos.»
Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo,
não estava com eles quando veio Jesus.
Disseram-lhe os outros discípulos:
«Vimos o Senhor.»
Mas ele respondeu-lhes:
«Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos,
se não meter o dedo no lugar dos cravos e a
mão no seu lado,
não acreditarei.»
Oito dias depois, estavam os discípulos
outra vez em casa
e Tomé com eles.
Veio Jesus, estando as portas fechadas,
apresentou-Se no meio deles e disse:
«A paz esteja convosco.»
Depois disse a Tomé:
«Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos;
aproxima a tua mão e mete-a no meu lado;
e não sejas incrédulo, mas crente.»
Tomé respondeu-Lhe:
«Meu Senhor e meu Deus!»
Disse-lhe Jesus:
«Porque Me viste acreditaste:
felizes os que acreditam sem terem visto.»
Muitos outros milagres fez Jesus na presença
dos seus discípulos,
que não estão escritos neste livro.
Estes, porém, foram escritos
para acreditardes que Jesus é o Messias,
o Filho de Deus,
e para que, acreditando, tenhais a vida
em seu nome.

Palavra da salvação

Diego Velázquez, *São Tomé*, 1620

Comentário

A Igreja é comunidade de fé. Somos um povo de crentes reunidos em volta do Senhor ressuscitado. A Ressurreição é o fundamento da nossa fé. "Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia é também a nossa fé". Estava o Evangelho suspenso à espera desta hora. Cristo ressuscitou como prova e garantia de quem era e da verdade que ensinara. "Jesus veio colocar-se no meio deles". Foi para isto que Ele ressuscitou. À sua volta se congregam os discípulos, formando a Igreja, o novo Povo de Deus, convocado pelo anúncio da sua Ressurreição. A Igreja é o Cristo ressuscitado, em aparição permanente. "Tomé não estava com eles". Por isso, não acreditou. A fé nasce do facto da Ressurreição de Cristo, presente e vivo entre os irmãos. "Felizes os que acreditam". "A fé é a vitória que vence o mundo", o triunfo da dor e da morte. Para ser feliz é preciso acreditar na felicidade que é Cristo.

FALA O PAPA FRANCISCO

HOMILIA

II Domingo da Páscoa, ou da Divina Misericórdia
Praça de São Pedro
3 de Abril de 2016

«Cristo que venceu, com a ressurreição, o medo e o temor que nos algemam, quer escancarar as nossas portas fechadas e enviar-nos para testemunhar a força curativa do amor que nos conquistou»

«Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro» *(Jo 20,30)*. O Evangelho é o livro da misericórdia de Deus, que havemos de ler e reler, porque tudo o que Jesus disse e fez é expressão da misericórdia do Pai. Nem tudo, porém, foi escrito; o Evangelho da misericórdia permanece um *livro aberto*, onde se hão-de continuar a escrever os sinais dos discípulos de Cristo, gestos concretos de amor, que são o melhor testemunho da misericórdia. Todos somos chamados a tornar-nos escritores viventes do Evangelho, portadores da Boa Nova a cada homem e mulher de hoje. Podemos fazê-lo praticando as obras corporais e espirituais de misericórdia, que são o *estilo de vida do cristão*. Através destes gestos simples e vigorosos, mesmo se por vezes invisíveis, podemos visitar aqueles que passam necessidade, levando a ternura e a consolação de Deus. Deste modo damos continuidade ao que fez Jesus no dia de Páscoa, quando derramou nos corações assustados dos discípulos a misericórdia do Pai, infundindo sobre eles o Espírito Santo que perdoa os pecados e dá a alegria.

Contudo, na narração que ouvimos, aparece um contraste evidente: por um lado, temos o *medo* dos discípulos, que fecham as portas da casa; por outro, temos a *missão*, por parte de Jesus, que os envia ao mundo para levarem o anúncio do perdão. O mesmo contraste pode verificar-se também em nós: uma luta interior entre o fechamento do coração e a chamada do amor para abrir as portas fechadas e sair de nós mesmos. Cristo, que por amor entrou nas portas fechadas do pecado, da morte e da mansão dos mortos, deseja entrar também em cada um para abrir de par em par as portas fechadas do coração. Ele que venceu, com a ressurreição, o medo e o temor que nos algemam, quer escancarar as nossas portas fechadas e enviar-nos. A estrada que o Mestre ressuscitado nos aponta é estrada de sentido único e só pode seguir-se numa direcção: sair de nós mesmos, sair para testemunhar a força curativa do amor que nos conquistou. Muitas vezes vemos, diante de nós, uma humanidade ferida e assustada, que tem as cicatrizes do sofrimento e da incerteza. Hoje, face ao seu doloroso clamor de misericórdia e paz, ouçamos como que dirigido a cada um de nós o convite feito confiadamente por Jesus: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós *(Jo 20, 21)*.

Cada doença pode encontrar na misericórdia de Deus um auxílio eficaz. Com efeito, a sua misericórdia não se detém à distância: quer vir ao encontro de todas as pobrezas e libertar de tantas formas de escravidão que afligem o nosso mundo. Quer alcançar as feridas de cada um, para medicá-las. Ser *apóstolo de misericórdia* significa tocar e acariciar as suas chagas, presentes hoje também no corpo e na alma de muitos dos seus irmãos e irmãs. Ao cuidar destas chagas, professamos Jesus, tornamo-Lo presente e vivo; permitimos a outros que toquem a sua misericórdia e O reconheçam «Senhor e Deus» *(cf. Jo 20,28)*, como fez o apóstolo Tomé. Eis a missão que nos é confiada. Inúmeras pessoas pedem para ser *escutadas e compreendidas*. O Evangelho da misericórdia, que se deve anunciar e escrever na vida, procura pessoas com o coração paciente e aberto, «bons samaritanos» que conhecem a compaixão e o silêncio perante o mistério do irmão e da irmã; pede servos generosos e alegres, que amam gratuitamente sem nada pretender em troca.

«A paz esteja convosco!» *(Jo 20,21)*: é a saudação que Cristo leva aos seus discípulos; é a mesma paz que esperam os homens do nosso tempo. Não é uma paz negociada, nem a suspensão de algo errado: é a sua paz, a paz que brota do coração do Ressuscitado, a paz que venceu o pecado, a morte e o medo. É a paz que não divide, mas une; é a paz que não deixa sozinhos, mas faz-nos sentir acolhidos e amados; é a paz que sobrevive no sofrimento e faz florescer a esperança. Esta paz, como no dia de Páscoa, nasce e renasce sempre do perdão de Deus, que tira a ansiedade do coração. Ser *portadora da sua paz*: esta é a missão confiada à Igreja no dia de Páscoa. Nascemos em Cristo como instrumentos de reconciliação, para levar a todos o perdão do Pai, para revelar o seu rosto de amor nos sinais da misericórdia.

No Salmo Responsorial, foi proclamado: «O seu amor é para sempre» *(118/117,2)*. É verdade, a misericórdia de Deus é eterna; não acaba, não se esgota, não se dá por vencida diante das portas fechadas e nunca se cansa. Neste «*para sempre*», encontramos apoio nos momentos de provação e fraqueza, porque temos a certeza de que Deus não nos abandona: permanece connosco para sempre. Demos-Lhe graças por este amor tão grande que nos é impossível compreender. É tão grande! Peçamos a graça de nunca nos cansarmos de tomar a misericórdia de Deus e levá-la pelo mundo: peçamos para ser misericordiosos, a fim de irradiar por todo o lado a força do Evangelho, para escrever aquelas páginas do Evangelho que o apóstolo João não escreveu. □

AGENDA PARA ABRIL

Dia 21 · **Domingo de Páscoa** · Visita Pascal · saída da igreja às 9h15, chegada às 12h00

ENCONTROS DE FORMAÇÃO E ORAÇÃO

Domingos · Grupo do Crisma de Adultos (retoma as actividades em 28 de Abril) · 11h00
Quartas-feiras · Renovamento Carismático · Capela do Santíssimo · 15h00
Segundas terças-feiras do mês · Movimento Esperança e Vida · 15h00

EUCARISTIAS

Domingo · 8h00, 10h00, 12h00 e 19h00
Segunda a sexta-feira · 8h00 e 19h30
Sábado · 8h00 e 19h00
Capela do Bairro S. João de Deus · domingo · 11h00

ATENDIMENTO PELO PÁROCO

Segunda a sexta-feira · 17h00–19h00
Sábado · 17h00–18h00

CONTACTOS

Igreja – Secretaria e Cartório Paroquial
Tel.: 225 499 333 · Fax.: 225 404 722
secretaria@paroquia-areosa.pt
www.paroquia-areosa.pt
www.facebook.com/igrejansareosa
Segunda a sexta-feira · 9h30–12h00 e 14h30–18h00

INSTITUIÇÕES DA PARÓQUIA

Centro Social Areosa · 225 484 821
www.centrosocialareosa.pt/
Jardim Infantil e Salas de Estudo Pio XII · 225 490 515
www.pioxii.pt/
Escola de Música Santa Cecília · 225 488 003
www.musicasantacecilia.net/
Escola de Desporto · 225 401 116 ou 960 388 079
Pavilhão Gimnodesportivo · 225 401 116 ou 917 571 305
Multiusos (Cripta) · 935 303 240

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Agrupamento 740-Areosa ·
geral.740@escutismo.pt
www.agr740areosa.org/

•

Mais informações em
www.paroquia-areosa.pt

Boletim "Pedras Vivas"
boletimparoquial@paroquia-areosa.pt